

DUELO E HONRA: ASPECTOS MEDIEVAIS EM “A HORA E A VEZ DE AUGUSTO MATRAGA” E O MALHADINHAS

Profa. Dra. Ana Marcia Alves Siqueiraⁱ (UFC)
Doutoranda Marília Angélica Braga do Nascimentoⁱⁱ (UFC)

Resumo:

“A hora e a vez de Augusto Matraga”, conto de Sagarana (1946), de Guimarães Rosa, e O Malhadinhas (1958), de Aquilino Ribeiro, são textos que deixam transparecer elementos indicadores da presença de aspectos medievais em sua constituição. Assim, este trabalho tem por objetivo identificar a ocorrência e a manifestação da prática do duelo e do ideal de honra nesses dois textos, colocando-os em confronto. O comportamento de ambos os protagonistas aponta para um resgate desses dois temas caros às narrativas medievais em que figura o herói cavaleiresco. Nesse sentido, Malhadinhas e Matraga são aproximados e confrontados com esse tipo de herói, revelando-se como caracteres importantes para a comprovação de um aproveitamento de aspectos medievais em textos de escritores brasileiros e portugueses do século XX.

Palavras-chave: Malhadinhas, Matraga, cavaleiro, honra, duelo.

1 Introdução

“A história do imaginário permite atribuir à literatura medieval o seu lugar essencial na cultura, mentalidade e ideologia da época e mais ainda na sua continuação através dos séculos.” (LE GOFF, 2009, p.36).

A epígrafe acima constitui-se como uma espécie de atestado da presença de elementos e valores do medievo em épocas posteriores à configuração histórica propriamente medieval. Podemos dizer que a afirmação de Jacques Le Goff valida os trabalhos dos pesquisadores medievalistas, que se debruçam sobre o estudo de variados aspectos indicadores de uma perpetuação e permanência renovadora do imaginário medieval ao longo do tempo. Não pensamos o termo “permanência” aqui como algo estanque ou como sinalizador de simples reprodução de determinados traços, pensamentos e atitudes. Ao contrário, pensamos-lo em termos de dinamismo e inovação, cientes de que, em literatura, a capacidade inovadora do escritor é essencial para a (re)leitura e circulação da obra.

Não são poucos os estudos que têm refletido sobre a presença de uma herança medieval nas manifestações culturais e artísticas de nossa época e mesmo de épocas anteriores. Trabalhos dessa natureza compreendem a importância da Idade Média para a formação da mentalidade do homem dos últimos séculos.

Veremos que Malhadinhas e Matraga, personagens, respectivamente, de Aquilino Ribeiro e de Guimarães Rosa, apresentam em sua construção aspectos herdeiros do imaginário medieval, principalmente no que tange à figura do herói da sociedade cavaleiresca, com seu ideal de defesa da honra e de apologia de qualidades como coragem, valentia, destemor. Entendemos herança aqui não como algo que simplesmente se recebe de forma passiva, mas como evidência de uma relação próxima entre as figuras em foco e “os heróis das antigas canções de gesta, celebradas pela tradição” (PELOSO, 1996, p.109).

Nesse intento, comungamos com o pensamento do historiador Hilário Franco Júnior quando afirma acreditar que as obras literárias e artísticas, “além dos objetivos intencionais de seus

autores”, “podem revelar muito do sistema de valores e das formas inconscientes de sentir e agir da sociedade que as produziu e consumiu” (FRANCO JÚNIOR, 2003, p.94). Sob esta perspectiva, encaramos *O Malhadinhas* (1922, 1949, 1958) e “A hora e a vez de Augusto Matraga” (1946) como narrativas reveladoras de um imaginário herdeiro de aspectos presentes também no imaginário do homem medieval. Assim, certas “emoções e afetos” registrados na mentalidade medieval “continuam ainda atuais, embora sob outras roupagens” (FRANCO JÚNIOR, 2003, p.86). Ou seja, o sistema de imagens do universo expresso nas obras em apreciação, embora passando pela filtragem cultural, agrega sentimentos que são tributários de um pensamento enraizado na Idade Média.

Desta feita, partilhando desse entendimento, pretendemos apontar elementos que denunciam essa herança medieval na construção dos protagonistas supracitados, traçando, ao mesmo tempo, um paralelo entre eles.

Este estudo procura dar ênfase aos substratos medievais que são perceptíveis sobretudo na postura, no comportamento perante certas situações com as quais as personagens em apreciação se defrontam, observando sua relação com a figura do cavaleiro¹ medieval no que se refere à questão honra e da defesa de oprimidos ou injustiçados.

2 Malhadinhas: valentia e honra

Para uma melhor compreensão por parte do leitor, contemos, em resumo, o enredo da narrativa de Aquilino Ribeiro, primeiramente. Malhadinhas é narrador e personagem principal que desfia sua história de vida a partir da rememoração de suas peripécias de juventude. É inicialmente apresentado por uma voz anônima que o descreve fisicamente e sugere aspectos de seu caráter, revelado mais detalhadamente no decorrer da narrativa. Esse apresentador coloca-se entre os “manatas” da vila que apreciam a narração do velho almocreve.

A partir dessa apresentação da personagem, já podemos vislumbrar um elemento que permite a associação da história de Malhadinhas com o medievo, pois o apresentador anônimo faz duas afirmações acerca do herói aquiliniano que são dignas de nota: “as suas **façanhas** deixaram eco por toda aquela corda de povos que anos e anos recorreu” (RIBEIRO, 1958, p.11, grifo nosso). E logo depois: “Nas tardes de feira, [...] desbocava-se a desfiar a sua crônica perante escrivães da vila e manatas, e eu tinha a impressão de ouvir a **gesta** bárbara e forte dum Portugal que morreu.” (RIBEIRO, 1958, p.11, grifo nosso).

Os termos grifados acima (**façanhas** e **gesta**) autorizam-nos a referida associação. Poderiam, inclusive, ser tomados como sinônimos, pois ambos relacionam-se à realização de feitos heroicos, de proezas, elementos estes estreitamente ligados a figuras célebres da Idade Média, como Carlos Magno e Rolando, por exemplo, ou aos heróis da Cavalaria. “Gesta” remete-nos de imediato às canções de gesta², poemas de assunto épico a partir dos quais, com a prosificação, resultaram as novelas de cavalaria (MOISÉS, 2006, p.38). Canções de gesta, portanto, celebram grandes feitos de personagens históricos ou lendários.

Malhadinhas é, todavia, personagem ambígua, pois oscila entre uma postura que o aproxima do cavaleiro e outra que o revela como pícaro. Para Óscar Lopes, a obra aquiliniana se espelha na novela picaresca espanhola, e, ao fazê-lo, “manifesta a alegria em estado puro e consciente de si, a reconciliação com a natureza de que se nasce e a que se descobre e refaz, o saborear da vitalidade

¹ Hilário Franco Júnior (2001, p.90) esclarece que a ordem guerreira, na Idade Média Central (séculos XI-XIII), era formada, inicialmente, por uma pequena elite, membros de antigas linhagens, os quais, diante da necessidade de defesa de suas terras contra invasões, passaram a armar e sustentar indivíduos de origem social humilde. Este passaram a ser denominados *militēs*, ou seja, cavaleiros, porque a técnica militar que prevalecia era a da cavalaria.

² Moisés (2004, pp.64,65) define as canções de gesta como “Poemas medievais franceses, escritos desde a segunda metade do século XI até o século XIII, cuja ação transcorria especialmente no tempo de Carlos Magno (séc. VIII). [...] as canções de gesta são produto típico do século XI, e com ele se mesclam inextricavelmente: período das Cruzadas, em que os valores feudais e os eclesiásticos se consorciavam, reflete-se nas canções de gesta e condiciona-as ao mesmo tempo [...]”.

humana a contas com as misérias e prepotências do mundo” (LOPES, 1985, p.8).

Entretanto, devemos esclarecer que, não obstante a existência de características picarescas em sua construção, Malhadinhas não se molda inteiramente ao paradigma clássico de pícaro na forma como foi concebido em seus primórdios. Isto porque não se observa nele, por exemplo, um projeto de ascensão social baseado na trapaça. As burlas e artimanhas de que se vale são para defender sua vida, sua honra, para “punir malandrins e expor vícios da sociedade que o cerca” (TORRES, 1985, p.55) e não para atingir um *status* social mais elevado. Embora confesse aos seus ouvintes o desejo de ser rei ao menos por uma semana, di-lo para afirmar sua vontade de ver um Portugal diferente, livre da corrupção em que se encontrava.

Além disso, apesar da condição humilde, Malhadinhas, ao contrário do pícaro clássico, não despreza o trabalho, antes labuta arduamente para sustentar mulher e filhos. Como salienta Torres, ele é mais aventureiro que velhaco e vagabundo, se não fosse assim, não diria à sua Brízida: “Já sabes, vermelho para o mar, aparelha o burro e vai ao sal” (RIBEIRO, 1958, p.82).

A partir de agora, queremos nos deter nos aspectos que nos autorizam a estabelecer uma analogia do herói aquilino com o paradigma do cavaleiro medieval. Segundo Georges Duby (1990), é no século XIII que a cavalaria se estabelece como um corpo bem delimitado, dotado de superioridade e excelência antes ligadas à nobreza e colocado no centro do edifício social. O vocábulo *cavaleiro* é adotado em 1302, substituindo o termo latino *miles* e outros modos de exprimir a superioridade social desse grupo. (DUBY, 1990, p.31-33).

Conforme Franco Cardini, o “sistema ético cavaleiresco”, que teria sido proposto primeiramente pela *Chanson de Roland*, gira em torno da coragem (*prouesse*) e da “sageza” (*sagesse*), espécie de sagacidade especial, apurada pela experiência, costumeiramente traduzida por prudência. (CARDINI, 1989, p.61). Jean Flori (2006), por sua vez, aponta, como componentes de uma ética própria à cavalaria, os seguintes aspectos: “culto da coragem e do heroísmo, respeito ao código deontológico que poupa, por interesse ou por ideal, o homem desarmado ou caído por terra; respeito à palavra dada; zelo pela reputação, ampliada pela bravura de uns e pela generosidade de outros”. (FLORI, 2006, p.196).

Por sua postura em determinadas circunstâncias, identificamos em Malhadinhas alguns dos aspectos supracitados, principalmente no que se refere à coragem e à palavra firmada. No tocante a esta última, ele distancia-se do pícaro e aproxima-se do herói cavaleiresco por ser capaz de cumprir a palavra empenhada, virtude que muito valoriza: “Voltou-se tudo; de meu tempo, também, homem de palavra era como se trouxesse sempre consigo um alforge de libras. Ajustava o que queria e levantava o que queria de proprietários e de tendeiros. Palavra era palavra, mais ouro de lei que uma peça de D. João.” (RIBEIRO, 1958, p.14). Aqui podemos notar o apreço da personagem pelo acordo firmado por meio da palavra dada. Neste caso, ela equivale ao poder econômico, sendo capaz de proporcionar benefícios equivalentes aos obtidos mediante a apresentação do dinheiro propriamente dito.

Para ele, empenhar a palavra é selar um compromisso no qual está em jogo a honra. Por isso vai ao duelo marcado com o Tenente da Cruz, um de seus desafetos, na feira de Lamas, episódio narrado no capítulo V. Mesmo temendo a morte, não se acovarda. Antes da partida, lembra-se do ditado que diz que “a morte é certa e a hora incerta” (RIBEIRO, 1958, p.83). Chegando ao local combinado para a justa, Malhadinhas depara-se não só com o Tenente, mas com um verdadeiro bando que lá está para matá-lo. O herói não se intimida, dispendo-se a lutar contra todos. Contudo, a luta termina por não acontecer, pois, na iminência do confronto, chega Bernardo do Paço, homem temido e considerado, que humilha o Tenente, lançando-lhe em rosto a covardia, e dispersa a turba de arruaceiros, recebendo, em troca, a gratidão do almocreve.

Em defesa da própria honra, este último declara: “Bem haja eu, que nunca deixei a minha honra por mãos alheias, nem me esqueci de pagar agravo ou fineza recebida” (RIBEIRO, 1958, p.96). Com efeito, tempos depois, na feira de Vale de La Mula, Malhadinhas tem a chance de retribuir a “fineza”, o favor do amigo, pois o encontra na mesma condição em que dantes estivera, cercado por inimigos. Vai-lhe então ao encontro e ambos enfrentam a malta, lutando com paus.

Aqui manifesta-se a amizade fraterna e a solidariedade, também inclusas entre os valores cavaleirescos.

Acerca dessa concepção de honra ligada à coragem, Flori (2005, p.159) diz que “ela constitui o fundamento principal da ideologia cavaleiresca”, mantendo-se em todas as épocas e não desaparecendo nos romances. O exemplo de Malhadinhas é claro. À maneira cavaleiresca, ele luta em defesa de sua honra, ou seja, em zelo de sua reputação, ainda que tal empenho ponha em risco sua vida. No início do capítulo VII, momento em que fala da postura do “homem honrado”, declara: “Há momentos na vida e pendências que um homem honrado não provoca nem espera, e que só se resolvem de pulso rijo e botando as unhas a uma arma”, e garante que sua faca “nunca saía da bainha sem causa nem entrava na bainha sem honra” (RIBEIRO, 1958, p.103). Aqui a personagem justifica o uso da arma, manuseada, segundo ele, contra “jogos de falsa fé e pessoas de mau sentido” (RIBEIRO, 1958, p.104).

No episódio em que presta ajuda a Bernardo do Paço, comprovamos uma habilidade que vai para além do uso da faca, estendendo-se também ao jogo do pau³. Já no capítulo II, ele relata a experiência desse jogo com um valente do povoado de Santa Eulália, na ocasião das bodas do filho de Faustino. Neste passo da narrativa, também podemos perceber ressonâncias do medievo, pois o jogo do pau configura-se como um duelo, uma justa. No meio da citada celebração de casamento, o jovem fica a observar as brincadeiras dos rapazes que lá se encontram. De repente, surge, entre estes, um que se destaca por sua estatura e por se vangloriar de saber jogar o pau melhor que todos, lançando um desafio em troca de uma moeda de ouro. Malhadinhas não resiste, aceitando-o. Joga habilmente, analisando as táticas do adversário até vencê-lo de maneira sutil e surpreendente. Durante o jogo, tira, um a um, com um canivete, os botões do colete do desafiante, deixando este e a plateia verdadeiramente surpresos ao se darem conta do feito. Em suas palavras:

Ficaram todos suspensos quando vieram ao entendimento completo da façanha. [...] E como eu lhes parecesse cordo do génio a bem, e levado da breca se me puxassem a terreiro, como a proeza não era pão nosso de cada dia, dali por diante fui mais festejado que o próprio rabequista.
[...] Quanto ao alarve, quase tive pena dele, ao vê-lo lançado ao desprezo e eu mais apajeado que um herói que voltou da África de bater os pretos. (RIBEIRO, 1958, pp.40, 41, 42).

Observa-se aqui a consciência da personagem em relação à proeza realizada e ao seu reconhecimento como herói, sendo “festejado” pelo público que assistiu ao confronto.

Neste e no acontecimento anteriormente mencionado, isto é, no duelo com o Tenente da Cruz e neste último desafio na casa de Faustino, podemos notar resquícios de uma das práticas guerreiras apreciadas na Idade Média, a saber, as justas. Diferentemente dos torneios surgidos por volta do século XI, na França, os quais consistiam em combates coletivos, as justas correspondiam ao confronto individual, ou seja, à luta “cara a cara” entre dois guerreiros. Segundo Flori (2005), os jovens, em busca de fama, provocavam seus adversários com injúrias, gritos ou gestos de desafio, incitando-os a lutar, a aproximar-se para o combate. Os vitoriosos ganhavam consideração e notoriedade. (FLORI, 2005, p. 101). É o que, de certa forma, vemos acontecer a Malhadinhas, o

³ A Associação Desportiva e Cultural do Jogo do Pau Português define o jogo do pau da seguinte forma: “arte marcial portuguesa de origem tradicional, o jogo do pau consiste numa forma de esgrima de características específicas, utilizando uma vara de preferência de madeira.” Essa arte de combate teve suas origens em regiões do Norte de Portugal, partindo depois para as zonas de Trás-os-Montes. Nasceu como necessidade de defesa, principalmente de pastores, que iam no pau uma arma indispensável e de fácil acesso. Seu uso generalizou-se e passou a ser transmitido de geração em geração. Apesar de gozar de grande popularidade e de ser tido como uma espécie de esgrima nacional, o jogo entrou em decadência em meados do século XX, mas instituições como a citada associação empenham-se na sua recuperação, no sentido de valorizar a herança cultural. Informações colhidas no sítio <http://www.jogodopau.com.pt/jogo-do-pau.html>.

qual, incitado por seus oponentes, acaba ganhando fama de herói, em alguns casos, e de valentão briguento, em outros.

3 Augusto Matraga: honra e renúncia

Considerando o ideal de honra e a prática do duelo, podemos tecer aproximações do protagonista de Aquilino com uma das personagens mais “afamadas” da obra de um ilustre representante da literatura nacional, a saber, Guimarães Rosa, com seu Augusto Matraga. O conto, ou novela, como a denominou o próprio autor, intitulada “A hora e a vez de Augusto Matraga” figura na coletânea *Sagarana*, escrita em 1937, “retrabalhada” em 1945 e publicada em 1946.

Conforme declaração de Rosa, em carta a João Condé, o cenário escolhido para as estórias aí enfeitadas foi interior de Minas Gerais. Como ocorre com Malhadinhas, o protagonista é apresentado logo na abertura: “Matraga é Esteves. Augusto Esteves, filho do Coronel Afonso Esteves, das Pindaibas e do Saco-da-Embira. Ou Nhô Augusto – o homem –” (ROSA, 1984, p.341). Mas, ao contrário da personagem aquiliniana, que era de origem humilde, percebemos, na apresentação acima e em outros trechos do enredo, uma origem abastada. A filiação e a própria designação “Nhô” indicam o *status* social (sem falar do significado do primeiro nome, indicativo de nobreza) do herói rosiano.

Nhô Augusto é, a princípio, um rico fazendeiro, marido de Dionóra, pai de Mimita, que tem jagunços a seu serviço. Mas, após a morte do pai e com vida desregrada que leva, acaba perdendo suas posses e seus homens para o rival Major Consilva, além de ficar sem a mulher, que foge com o amante, Ovídio Moura, levando consigo a filha. Informado desses acontecimentos, enfurecido, Nhô Augusto decide ir confrontar, sozinho, seu inimigo, conforme trecho a seguir: “Nele mal-e-mal, por baixo da raiva, uma ideia resolveu por si: que antes de ir à Mombuca, para matar o Ovídio e a Dionóra, precisava de cair com o major Consilva e os capangas. Se não, se deixasse por acertar, perdia a força.” (ROSA, 1984, p.350).

Aqui podemos observar o desejo de vingança da personagem, ligado ao sentimento de defesa da honra, uma vez que temia, em caso de não ir se defrontar com o Major, “perder a força”. E, em relação à traição da mulher, Quim Recadeiro, seu capanga fiel, já havia alertado: “- ... Eu podia ter arresistido, mas era negócio de **honra**, com sangue só p’ra o dono” (ROSA, 1984, p.349, grifo nosso). Todavia, Nhô Augusto tem seu intento frustrado. Ao chegar à chácara do Major, sem ter mesmo a oportunidade de descer do cavalo e empreender um confronto justo (individual) com aquele, é atacado a pauladas pelos jagunços que estão a serviço de seu desafeto. Após o ataque covarde, que deixa o desafiante praticamente moribundo, os algozes recebem a ordem de marcá-lo a ferro e matá-lo. Mas, por um descuido deles, a vítima, depois de marcada, acaba fugindo.

A partir de então, tem início um verdadeiro processo de penitência e purgação da personagem rosiana. Resgatado e amparado por um casal de velhos, que cuida de seus ferimentos e machucados, Nhô Augusto leva meses para se restabelecer. Durante o tempo de convalescença, ele se sente arrependido e deseja absolvição dos pecados, pelo que recebe visita e conselhos de um padre. Uma vez restabelecido, decide retirar-se, juntamente com os velhos piedosos, para um lugar distante no sertão, o povoado do Tombador. Procura acatar os conselhos do padre: rezar e trabalhar. Por isso:

Trabalhava que nem um afadigado por dinheiro, mas, no feito, não tinha nenhuma ganância e nem se importava com acrescentes: o que vivia era querendo ajudar os outros. Capinava para si e para os vizinhos do seu fogo, no querer de repartir, dando de amor o que possuísse. E só pedia, pois, serviço para fazer, e pouca ou nenhuma conversa. (ROSA, 1984, p.358).

Eis a mudança que se opera na índole daquele que, antes da conversão, era, na percepção de Dionóra, a esposa,

Duro, doido e sem detença, como um bicho grande do mato. [...] Fora assim desde menino, uma meninice à louca e à larga, de filho único de pai pancrácio. [...] Agora, com a morte do Coronel Afonso, tudo piorara, ainda mais. Mais estúrdio, estouvado e sem regra, estava ficando Nhô Augusto. (ROSA, 1984, p.346).

Aquele que outrora saía com “mulheres perdidas”, que se dava ao fumo, à bebida, aos jogos e às caçadas, sofre uma transformação radical, penitenciando-se por anos até que chegue sua hora e sua vez.

Um dia, porém, passa pelo Tombador um antigo conhecido de Nhô Augusto e lhe dá novas sobre o atual estado de coisas na localidade onde vivia anteriormente. Só lástimas. O pobre homem fica desconsolado com as notícias e lamenta sua vergonha, chegando a pensar que está sendo covarde e que, por isso mesmo, não poderá herdar o céu: - Desonrado, desmerecido, marcado a ferro feito rês, mãe Quitéria, e assim tão mole, tão sem homênciã, será que eu posso mesmo entrar no céu?!... (ROSA, 1984, p.361)

Fazendo, portanto, um paralelo entre as duas personagens (Malhadinhas e Matraga) e considerando o caráter de ambos (por meio das características até agora vistas), verificamos no protagonista de Aquilino um sujeito astuto, artilheiro, que reage efetivamente quando sua honra e sua vida estão em jogo, defendendo-as com toda a voracidade possível. Não foge ao desafio e luta por manter sua reputação, não deixando impune o agravo recebido.

A esse respeito, Antonio Furtado (2006, p.13) declara: “Um herói, qualquer herói, distingue-se do comum das gentes por certas virtudes especiais. É claro que se espera que um herói guerreiro seja bravo. E, para que obtenha êxito, deve ter força e habilidade no manejo das armas.” Apontando os motivos que conduzem à realização de grandes feitos, o estudioso afirma:

A motivação que leva às façanhas heróicas pode provir de ideais, como a defesa do clã (Yoshitsune), ou da pátria e da religião (Rolando), mas costuma quase sempre envolver também um duplo componente relacionado com a fama pessoal, separado pelos gregos, como assinala Junito Brandão, em dois conceitos: “timé” (honorabilidade pessoal) e “areté” (excelência, superioridade em relação aos outros). (FURTADO, 2006, p.13).

No caso de Malhadinhas, podemos dizer que a motivação vem exatamente dos dois conceitos destacados acima. Relembramos, a esse propósito, as palavras do almocreve sobre o duelo com o valente de Santa Eulália (ver citação anterior), nelas percebemos o orgulho do rapaz em se ver triunfante e a consciência de superioridade em relação ao seu combatente. Ele próprio reclama para si o título de vencedor: “- Alto lá! – bradei. – Há vencedor e vencido, se é que não morreu o Direito em Portugal. Olhem bem!” (RIBEIRO, 1958, p.39).

No que se refere a Matraga, a impetuosidade para defender a própria honra ocorre antes da mudança substancial que se opera em seu caráter. Após esta, os valores alteram-se e a personagem dedica-se a ajudar o próximo: “Mas sempre saía para servir aos outros, ajudava a carregar defuntos, visitava e assistia gente doente, e fazia tudo com uma tristeza bondosa, a mais não ser.” (ROSA, 1984, p.363). E, num momento decisivo, intervém corajosamente para impedir a matança de inocentes. A ideia então não é ostentar uma valentia em proveito próprio para ser admirado ou temido, mas colocar-se a serviço de outrem, a ponto de lutar bravamente num duelo descomunal com que prova o valor de ambos os guerreiros, igualando-os.

Embora tenha momentos de hesitação, Nhô Augusto não cede às tentações, renunciando-as⁴

⁴ Numa perspectiva sociológica, analisando os malandros e heróis da sociedade brasileira, Roberto DaMatta (1990) chama a atenção para a postura de Augusto Matraga como renunciador, na medida em que a personagem se nega a empreender uma vingança contra aqueles que o atraíram. Além disso, Matraga, ao final da narrativa, também impede que Joãozinho Bem-Bem execute uma vingança que se realizaria como desforra por causa da morte de um de seus jagunços. Cf. Referência completa ao final do trabalho.

em favor de sua redenção e dos desvalidos. Depois de rejeitar o convite de Joãozinho Bem-Bem para fazer parte do seu bando e, diante da aflição de um pobre pai tentando resguardar a vida de seus filhos, o penitente desafia o amigo e ambos saem em confronto mortal:

- Sai, Cangussu! Foge, daí, Epifânio! Deixa nós dois brigar sozinhos! A coronha do rifle, no pé-do-ouvido... Outro pulo... Outro tiro... [...]

E aí o povo encheu a rua, à distância, para ver. Porque não havia mais balas, e seu Joãozinho Bem-Bem mais o Homem do Jumento tinham rodado cá para fora da casa, só em sangue e em molambos de roupas pendentes. E eles mesmos negaceavam e pulavam, numa dança ligeira, de sorriso na boca e de faca na mão. [...]

Estou no quase, mano velho... Morro, mas morro na faca do homem mais maneiro de junta e de mais coragem que já conheci! (ROSA, 1984, pp. 384, 385) .

O trecho acima mostra o duelo final travado entre Matraga e o homem a quem mais admirava e por quem guardava uma amizade sincera. Contudo, admiração e amizade não impedem que ele lute em defesa de alguém que, a seu ver, era inocente e precisava de seu socorro. Assim, num gesto heróico, impedindo que sangue inocente fosse derramado injustamente, ele derrama o seu, perdendo a própria vida para poupar a de outrem.

Conclusão

Diante do exposto, reconhecemos, portanto, que os valores cavaleirescos observados nas personagens em apreciação são substratos da mentalidade medieval formadora da figura do herói das novelas de cavalaria, sendo atualizados nos textos de Aquilino Ribeiro e de Guimarães Rosa. Desse modo, divisamos uma ponte entre o imaginário do aldeão português e do sertanejo brasileiro e as estruturas mentais do homem medieval que exaltava as virtudes de coragem, valentia e honra.

Assim, conforme concepções de Franco Júnior⁵, podemos afirmar que os heróis em análise pagam tributo a uma herança cultural de longa data, a qual ajudou a construir uma identidade coletiva, permitindo aflorar sentimentos herdeiros do sistema ético da sociedade cavaleiresca do medievo.

Nessa perspectiva, Malhadinhas e Matraga representam sentimentos e afetos de uma época remota (Idade Média) que continuam ainda atuais, mesmo tendo passado por alterações diante do novo contexto cultural. Significa dizer que as qualidades encontradas nessas personagens, acima citadas, remontam a séculos anteriores, mas permaneceram, em sua essência, arraigadas na mentalidade, sendo (consciente ou inconscientemente) compartilhadas por homens de diferentes períodos. Ou seja, o homem medieval e o homem contemporâneo têm em comum a admiração por virtudes que louvam a honra, a coragem, o destemor. Nesse sentido, o imaginário funciona, portanto, como “guardião da vida coletiva” (FRANCO JÚNIOR, 2003, p.105), preservando valores que emergem em diferentes épocas, ainda que sob manifestações diversas.

Referências Bibliográficas

- 1] ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA E CULTURAL DO JOGO DO PAU PORTUGUÊS.
Disponível em: <http://www.jogodopau.com.pt/jogo-do-pau.html>. Acesso em 06 jan. 2012.
- 2] CARDINI, Franco. O guerreiro e o cavaleiro. *In*: LE GOFF, J. (Dir.). **O homem medieval**.

⁵ Na concepção de FRANCO JÚNIOR (2003, p.95-96), o imaginário complementa as noções de mentalidade e de representação, articulando-se estreitamente com elas. Ele é a decodificação e representação cultural (portanto historicamente variável) do complexo de emoções e pensamento analógico (estruturas arcaicas sempre presentes no cérebro), que é a mentalidade. Assim, o imaginário é espelho da mentalidade: revela mas deforma.

- São Paulo: Presença, 1989, p.57-78.
- 3] DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.
- 4] DUBY, Georges. As origens da cavalaria. *In: A sociedade cavaleiresca*. Trad. Telma Costa. Lisboa: Editorial Teorema, 1990, p.31-50.
- 5] FLORI, Jean. **A Cavalaria**: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média. Trad. Eni Tenório dos Santos. São Paulo: Madras, 2005.
- 6] _____. Cavalaria. *In: LE GOFF, J. & SCHMITT, J-C (Coord.). Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Trad. (Coord.) Hilário Franco Júnior. Bauru: EDUSC, 2006, v. I, p.185-199.
- 7] FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média: nascimento do ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- 8] _____. O fogo de Prometeu e o escudo de Perseu - Reflexões sobre mentalidade e imaginário. **Signum**, nº 5, 2003, p.73-116.
- 9] FURTADO, Antonio L. O herói guerreiro. *In: Mitos e lendas: heróis do Ocidente e do Oriente*. Rio de Janeiro: Nova Era, 2006, p.9-19.
- 10] LE GOFF, Jacques. **Heróis e maravilhas da Idade Média**. Trad. Stephania Matousek. Petrópolis: Vozes, 2009.
- 11] LOPES, Óscar. Um lugar de nome Aquilino. **Colóquio Letras**, Lisboa, n. 85, maio 1985, p.5-14.
- 12] PELOSO, Silvano. **O canto e a memória**: história e utopia no imaginário popular brasileiro. Trad. Sonia Netto Salomão. São Paulo: Ática, 1996.
- 13] RIBEIRO, Aquilino. **O Malhadinhas**. Amadora: Bertrand, 1958.
- 14] ROSA, Guimarães. “A hora e a vez de Augusto Matraga”. *In: Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p.339-386.
- 15] TORRES, Alexandre Pinheiro. O Malhadinhas visto através do seu adagiário. **Colóquio Letras**, Lisboa, n. 85, maio 1985, p.50-56.

i **Ana Marcia SIQUEIRA, Profa. Dra.**
Universidade Federal do Ceará (UFC)
ana.siqueira@ufc.br

ii **Marília NASCIMENTO, Doutoranda**
Universidade Federal do Ceará (UFC)
mariliaadbv2006@yahoo.com.br